

【教員寄稿】

DESCOBRINDO AS PONTES

Aline Antunes

“Ce qué mais um tiquim?” “Peraí so um poquim qui vo passa um cafezin novin!” É! Talvez você esteja tentando decifrar estas palavras ou se perguntando “Que idioma é este?”, “Onde se fala assim?” Minas Gerais! De onde vim. Terra da boa comida, das estórias, dos grandes poetas e escritores! Muito ouro, diamante, esmeraldas não é tudo que se tem por lá. Há mar em Minas também ... um lindo e infundável mar de montanhas. E foi dentre essas montanhas que se formou o mineiro, pessoa que nasce lá. Desconfiado. Quieto. Observador de quem vem de longe e que para se proteger do outro, do desconhecido, do estrangeirismo se esconde entre os mistérios que há nestas montanhas! Há quem diga que o Brasil tem uma grande ilha dentro do seu território que se chama Minas Gerais!

Mas... e onde entra o Japão nesta estória?

Arigatou, foi a primeira palavra que ouvi em japonês. Estava no Consulado do Rio de Janeiro para buscar o visto do Japão. No canto da sala de espera, havia uma TV ligada e uma japonesa, tipicamente vestida, que falava com bastante entusiasmo. Tudo o que ela dizia e a suavidade com a qual dizia, entrava em mim como se fosse uma música, mas eu era incapaz de compreender qualquer palavra. Fiquei ali, aguardando ser chamada por uns 20 minutos, e possivelmente permaneci imóvel, estática, tamanho era meu encantamento, minha vontade de deduzir uma única palavrinha. Mas, eis que para minha alegria, a moça da TV ao se despedir, num gesto muito solene misturado a outros sons indecifráveis, disse algo que entendi: *Arigatou*. Quanta felicidade! Valeu o esforço! Finalmente, pudemos nos “comunicar”!! Porém a felicidade não veio sozinha: fui tomada por um medo inexplicável. Ali, naquele momento, comecei realmente a entender que estava vindo para o Japão! E a pergunta que não saía da minha cabeça era:

“Que país deve ser este, meu Deus?” “Quem é o japonês?”

9 anos se passaram desde aquele primeiro encontro. A preocupação inicial que tive em não viver perto de colônias de brasileiros foi minha fonte para me manter por tanto tempo num país tão diferente do meu. Mergulhei no Japão. Caí de cabeça na cultura. Tentei “ir” até os japoneses, conversar com eles e mais, entender aquilo que não era dito através das palavras. Não foi fácil. Comer feijão doce, aprender a beber chá com a refeição, e até mesmo leite, tirar os sapatos em todos os momentos, perder a vergonha nos *onsens*, adquirir um novo conceito de espaço, aprender a viver com terremotos, *taifus e tsunamis*, dormir em *futon*, sentar-me em *seiza* (impossível até hoje!), entender palavras importantes como *senpai*, *ganbarimasu* e todas as variações do *onegaishimasu*. Viajar de Morioka, em Iwate-Ken, até o Aso San de *juhachikippu*, e claro que não podia faltar: subir o Monte Fuji (DUAS vezes!!) E isso sem falar das “pagações de mico”, como por exemplo, quando passei um bom tempo dizendo *gotisousamadeshita* quando, na verdade, queria dizer *otsukaresamadeshita!* E ainda os inúmeros “mitos” sobre o Japão a serem vencidos, principal motivo por ter vindo para cá!

E um desses mitos, talvez o mais popular entre os brasileiros é a célebre frase: “Nossa! O japonês é um povo muito frio!” Tentando fazer o impossível que é comparar o incomparável, se colocarmos o “jeito de ser” do brasileiro ao lado do “jeito de ser” de qualquer outro povo, com certeza, o brasileiro dirá a mesma coisa. Não por ele se sentir melhor que os outros! Nunca! E sim pelo fato das muitas culturas existentes no Brasil terem dado espaço a milhares de costumes, sinais, etiquetas, formando assim, o povo brasileiro. Além disso a distância (em todos os sentidos) entre o Brasil e o Japão é tão grande que facilita muito o surgimento desses mitos. Acontece que quando aqui cheguei, mais uma vez, vivi algo muito parecido com aquilo que me aconteceu no Consulado do Rio de Janeiro. A mesma sensação de “estar perdida” junto com um encantamento assumiram o controle da minha vida. Queria entender tudo, fazer tudo, e mesmo não podendo, havia algo muito familiar que não me deixava desesperar. Andando pelas ruas de Morioka,

meu ponto de partida aqui no Japão, sentia-me como uma alienígena. Na verdade, era a própria! Mas, ainda assim.. com tanta “estranheza” nos olhares das pessoas, aquilo tudo não me incomodava. Sem saber uma única palavra em japonês, o acolhimento que tive dos japoneses foi tão grande que acreditei que era deste país que faria parte daqui pra frente. Percebi que estava conseguindo “ir” até eles.

Hoje sei o quanto Minas e Japão são próximos! O quanto japoneses e mineiros se parecem. Da mesma forma que me confortei quando ouvi *arigatou* no Consulado, descobri que a tal “frieza dos japoneses”, tão falada “lá fora” está muito próxima ao jeitão observador, desconfiado do mineiro. Eu, mineira legítima, posso dizer que descobri uma ponte através da qual me comunico com mais facilidade com os japoneses.... longe das palavras e dos livros. Custou-me muito, mas sem dúvida alguma, viver no Japão passou a ser muito mais gostoso para mim.

E acho que o legal está aí quando se estuda um idioma. Tentar encontrar uma “ponte”! Gramática, pronúncia, vocabulário, claro, são fundamentais! Mas são apenas pequenas ferramentas, pois são as “pontes” que nos levam ao encontro com o outro. Você, que estuda outro idioma, mergulhe de cabeça! Vivencie a cultura do outro país! Fuja um pouquinho dos livros! Dos paradigmas acadêmicos. Não tenha vergonha de errar. Experimente a cultura do outro. Mas experimente através dos cinco sentidos, provando de verdade e quando menos esperar, você já estará curtindo o novo, descobrindo o que há de bacana, de mais prazeroso.

Interessante mesmo é observar que aquela primeira e única palavrinha que há quase 10 anos identifiquei num noticiário de TV continua sendo a primeira e única palavra que vem à minha mente quando eu penso no Japão, mas que agora, direi em português e do fundo do meu coração: “OBRIGADA, Japão, por tantas experiências maravilhosas!”